

5. Territorialização turística e diversidade cultural nos grandes domínios de Natureza (Mato Grosso, Brasil)

Suíse Monteiro Leon Bordest⁸¹

RESUMO: Território turístico e diversidade cultural, temas centrais do presente artigo, por seus múltiplos significados, possibilitam interações e pressupõem o envolvimento de comunidades em áreas de potencialidade turística, perspectivando o sentimento de valorização cultural na construção de sociedades sustentáveis em três grandes domínios de natureza no estado de Mato Grosso (Amazônia, Cerrado e Pantanal). No contexto de uma análise interpretativa, a abordagem territorial pode contribuir na apreensão de espaços turísticos, por entender-se o turismo, enquanto prática social que entremeia diversos territórios já existentes, capaz de provocar mudanças sensíveis, mas inexoravelmente respeitador da diversidade cultural dos habitantes de uma comunidade ou região. Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. No texto, privilegia-se o enfoque de territórios onde já acontecem ou poderão acontecer a atividade turística, por serem áreas de reconhecido envolvimento da comunidade com a tradição/tradução, em seus múltiplos aspectos culturais. A partir de uma base geográfica voltada para os três grandes domínios de natureza no Estado de Mato Grosso, com destaque aos atrativos naturais e processos socioambientais, o texto oferece contribuição para melhor compreensão de traços fundamentais do chamado *território turístico*, onde se efetivam relações de poder entre o turismo e os atores sociais envolvidos.

Palavras-chaves: Território; Cultura; Domínios de natureza; Turismo; Mato Grosso; Brasil.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
2 de junho de 2023	2 de setembro de 2023

TERRITORIALIZACIÓN TURÍSTICA Y DIVERSIDAD CULTURAL EN GRANDES DOMINIOS NATURALES (MATO GROSSO, BRASIL)

81 Geógrafa. Doutora em Geociências e Meio Ambiente. Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia / UFMT / Brasil. Integrante do GECA. Membro efetivo do IHGMT.

RESUMEN: Territorio turístico y diversidad cultural, temas centrales de este artículo, por sus múltiples significados, posibilitan interacciones y presuponen la implicación de las comunidades en áreas de potencial turístico, perspectiva del sentimiento de valorización cultural en la construcción de sociedades sostenibles en tres grandes dominios de la naturaleza. en el estado de Mato Grosso (Amazonas, Cerrado y Pantanal). En el contexto de un análisis interpretativo, el enfoque territorial puede contribuir a la aprehensión de los espacios turísticos, entendiendo el turismo como una práctica social que entrelaza varios territorios existentes, capaz de provocar cambios sensibles, pero inexorablemente respetuosos de la diversidad cultural de sus habitantes. de una determinada región, comunidad o región. Entonces, en lugar de hablar de identidad como algo terminado, deberíamos hablar de identificación y verla como un proceso continuo. En el texto, la atención se centra en territorios donde ya se desarrolla o podría desarrollarse actividad turística, por ser áreas de reconocida implicación comunitaria con la tradición/traducción, en sus múltiples vertientes culturales. A partir de una base geográfica centrada en los tres grandes dominios de la naturaleza en el Estado de Mato Grosso, con énfasis en los atractivos naturales y los procesos socioambientales, el texto ofrece una contribución para una mejor comprensión de las características fundamentales del llamado territorio turístico, donde se dan relaciones de poder entre el turismo y los actores sociales involucrados.

Palabras-clave: Territorio; Cultura; Dominios de la naturaleza; Turismo; Mato Grosso; Brasil.

Contextualizando o tema

Por seus múltiplos significados, o texto em pauta, discorre sobre territorialização turística e diversidade cultural em Mato Grosso - Brasil -, é assunto que possibilita a interação de temas que pressupõem o envolvimento de comunidades e grupos sociais em áreas com potencialidade turística, perspectivando o sentimento de valorização da cultura mato-grossense na construção de sociedades sustentáveis.

No contexto de uma análise interpretativa nas dimensões econômica, política, cultural e natural, a abordagem territorial pode contribuir na apreensão de *territórios turísticos*, por entender-se o turismo como uma atividade social que entremeia diversos territórios já existentes, e que pode provocar mudanças sensíveis. Ainda na abordagem territorial do turismo, pode-se entender e apoiar o turismo ecocultural, como aquele capaz de promover mudanças socioambientais mas, inexoravelmente respeitador da diversidade cultural dos habitantes de uma comunidade ou de um grupo social. Nesse contexto, acredita-se que a questão da *identidade cultural* possa ser vista segundo a ótica de Stuart Hall (2003, p. 7), ao referir-se à “crise de identidade”:

[...] como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

[...] algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato existente na consciência no momento do nascimento [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada' [...].

Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento.

No artigo, objetiva-se refletir sobre o chamado *território turístico*, onde se efetivam relações de poder entre os grupos sociais envolvidos e o turismo, com a panorâmica dos três grandes domínios de natureza no estado de Mato Grosso. Constituem territórios onde já acontece ou poderá acontecer a atividade turística, áreas de envolvimento da comunidade com a tradição/tradução, em seus múltiplos aspectos culturais.

Discorrendo sobre conceitos de territórios

Para melhor compreensão do espaço, a partir de uma base geográfica, recorremos a alguns conceitos de território, que buscam interpretar os processos socioambientais em seus diferentes ritmos e implicações territoriais.

Apoiado na ligação de conceitos de território-rede-lugar, Saquet (2007) propõe uma abordagem territorial que denomina abordagem relacional processual e (i)material. Nela, o território é entendido enquanto produto, que corresponderia a um processo composto por relações sociais, envolvendo, de forma dialética, o material (concreto) e o imaterial (simbólico).

Assim, a abordagem relacional pode contribuir nessa reflexão sobre a apreensão de territórios turísticos e criação de novos territórios e territorialidades.

Também interessados na reflexão sobre território/turismo, Candiotto e Santos (2009, p. 325) lembram que:

O turismo é mais uma atividade que permeia diversos territórios já existentes. Um território criado a partir do lazer e/ou do turismo pode ser

chamado de território turístico e corresponderia ao espaço onde se efetivam as relações de poder entre os atores sociais envolvidos com o turismo. Quando determinado projeto ou empreendimento turístico instala-se em um lugar, inicia-se um processo de territorialização turística desse lugar, que levará a criação de um território turístico.

É quase unanimidade atualmente na geografia, haver centralidade da *relação espaço-tempo* na formação do espaço, do território, da paisagem e da regionalização. O espaço está no tempo e o tempo está no espaço. Tal relação é considerada, nos estudos geográficos, de diferentes maneiras: ora destacam-se os processos históricos, ora os relacionais. Isso significa que, às vezes, evidenciam-se nas fases ou períodos e noutras situações nas relações sociais, sejam elas, culturais, econômicas ou políticas, espacializadas, regionalizadas ou territorializadas.

Embora espaço e território não possam ser dissociados, está claro também, na geografia, que *espaço e território não são sinônimos*. São conceitos diferentes que assumem distintos significados de acordo com cada abordagem e concepção. No Brasil, por exemplo, o espaço geográfico é considerado, como grande categoria da geografia, como algo universal, sempre presente na formação de cada lugar, juntamente com o tempo:

Dessa maneira o espaço [...] possui um presente que passa muito rápido, que já é passado, portanto, e possui um devir. Devir que além de ser começo é também sequência, é sucessão e, portanto, movimento. Movimento do pretérito, do ser e do vir-a-ser, do concreto e do abstrato, das relações recíprocas que nos dão o real movimento do espaço no tempo e deste o espaço, em que o presente contém o passado, que se realiza no presente. (Saquet, 2009, p. 76).

A abordagem territorial de Saquet parte do entendimento de que os territórios são determinados por ações locais e forças externas (nacionais e internacionais) ligadas à dinâmica econômica, política e cultural. Essas relações de poder produzidas pelos territórios estão em movimento, de modo que eles são fluidos, podendo ser temporários ou relativamente permanentes.

O território é, antes de um *fato consolidado, uma relação* e por isso está sujeito a instabilidades, pois os elos que o sustentam também não são fixos, absolutos. A territorialidade que lhe dá origem ainda não se encontra consolidada, tendo possibilidade de existência, na criação dos elos e do espaço.

Saquet (2009) aponta ainda para a dimensão subjetiva da territorialidade, estando ligada ao cotidiano do lugar (desenrolar das atividades diárias efetivadas nos espaços de trabalho, lazer, família etc., resultado e condição do processo de produção de cada território, de cada lugar).

Conforme Medeiros (2009), o sentimento é base da territorialidade e a sua forma espacial importa muito pouco, pois esta pode ser variável. O território pode ser imaginário e até mesmo sonhado. E, é a partir do imaginário e do sonho que sua construção tem início.

O território é, a princípio, um espaço *cultural de identificação* ou de *pertencimento*, e sua apropriação só acontece em momento seguinte. Para a citada autora, espaço e território não podem ser dissociados, pois enquanto o espaço se faz necessário para demarcar a existência do território, este último é condição para que o espaço se humanize (Medeiros, 2009, p. 217).

O território traz em si a noção de poder e de afirmação identitária. É uma realidade que está inscrita no espaço e no tempo e que lhe dá garantia de existência. O território é, portanto, a parcela do espaço enraizado numa mesma identidade que reúne indivíduos com o mesmo sentimento. O território também é um lugar de ritos, expressando valores e confrontando crenças. “Território é, pois, um novo paradigma que responde a certo número de funções geográficas, sociais e políticas que se inscrevem no universo da memória, das representações e dos valores” (Medeiros, 2009, p. 218).

Territórios turísticos em movimento

Considera-se território turístico, um espaço criado a partir do lazer e/ou do turismo, onde se efetivam relações de poder entre os grupos sociais e os envolvidos com o turismo.

Conforme Bordest (2011) o estado de Mato Grosso, palco deste estudo abrange grandes biomas (olhar biológico) ou domínios de natureza (olhar geográfico) que comportam diferentes ecossistemas. Neles, estão presentes núcleos urbanos e rurais que se transformam continuamente, tanto no âm-

bito do tempo quanto do espaço. Nas últimas décadas, essas transformações têm sido muito rápidas, fato que corrobora com Hall (2003, p. 70), para quem: “Diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo”.

Mato Grosso está localizado na região Centro-Oeste do Brasil, nos contextos da Pré-Amazônia, do Cerrado e do Pantanal. Posicionado no coração da América do Sul, atualmente ocupa uma área de 903.357km² do território nacional (Fig.1).



Fig. 1. Localização do Estado de Mato Grosso. Fonte: Geodobrasil, 2011.

Situa-se a oeste do Meridiano de Greenwich e ao sul da Linha do Equador, com fuso horário (menos) – 4 horas em relação à hora mundial GMT. O Estado integra a região Centro-Oeste do país, limitando-se com os estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins, Pará, Amazonas e Rondônia, além de um país, a Bolívia. Cuiabá, a capital do Estado, tem como referência as

Mapa do Estado de Mato Grosso e seus limites

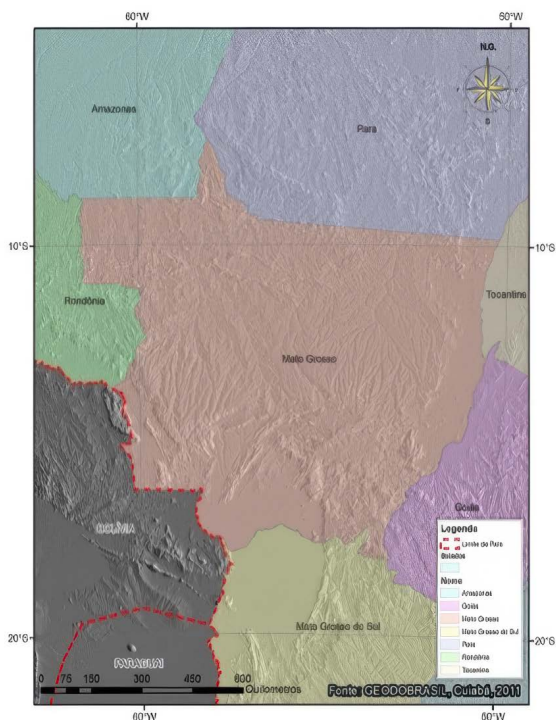


Fig. 2. Limites do Estado de Mato Grosso. Fonte GEODOBRASIL. 2011.

coordenadas geográficas: 15°35'55.36" Lat. S e 56°05'47.25" Long. W (Fig. 2) (Google Earth). As cidades mais populosas do referido Estado são: Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis, Sinop, Cáceres e Barra do Garças.

A expansão da ocupação do território mato-grossense, iniciada no século XVIII, ganhou força a partir da década de 1970, sob o efeito da globalização que, se por um lado determinou nova fase no desenvolvimento socioeconômico-cultural do Estado (colonização agro-pastoril, avanço educacional, científico, artístico e cultural), por outro acumulou problemas socioambientais.

No território mato-grossense, o relevo se configura predominantemente com altitudes modestas, apresentando extensas superfícies aplainadas, talhadas em rochas sedimentares; algumas serras importantes; depres-

ções periféricas, dentre elas áreas úmidas, como as dos pantanais matogrossenses.

Na maior parte do Estado predomina o clima tropical semiúmido, com chuvas de verão, inverno seco e temperaturas caracterizadas por médias anuais de, aproximadamente, 23°C. No verão, a quantidade de chuva também é alta, ultrapassando a média anual de 1.500mm, já que a estação seca, bastante marcada no sul do Estado, vai gradativamente se reduzindo em direção ao norte.

Primitivamente, a vegetação que cobria o norte matogrossense era a floresta equatorial, com árvores muito altas e copadas, como a andiroba, o angelim, o pau-roxo e a seringueira, verdadeiro prolongamento da Floresta Amazônica em território matogrossense. No centro e sul do Estado predomina o cerrado, vegetação formada por árvores de até 10m de altura, espalhadas entre numerosos e variados arbustos. Na transição do Pantanal existem diversos tipos de vegetação, com predominância da cobertura de gramínea de áreas úmidas, excelente pastagem para o gado.

No que se refere à hidrografia, a rede fluvial de Mato Grosso pertence a dois grandes sistemas hidrográficos: a bacia do rio Amazonas e a bacia Platina. No Estado, os principais rios da bacia amazônica são o Araguaia e seu afluente, o rio das Mortes; o Xingu, o Juruena, o Teles Pires e o Roosevelt. Quanto à bacia Platina, destaca-se o rio Paraguai, que nasce no município de Diamantino, sendo seu principal afluente em território matogrossense o rio Cuiabá, no sul de Mato Grosso.

Devido à grande extensão territorial, Mato Grosso é um estado brasileiro que comporta diferentes paisagens geomorfológicas e ecologias do mundo tropical, onde, apesar das modestas altitudes, o relevo tem papel significativo. Moldada no altiplano cuiabano, estrategicamente encravada entre o planalto sedimentar e a planície pantaneira, ergue-se, no Centro Geodésico da América do Sul, Cuiabá, a emblemática capital matogrossense, onde os passos da tradição e da modernidade caminham juntos, apesar dos conflitos que ali se verificam (Fig. 3).

Territorialidades e identidades imprimem no território matogrossense marcas de transformação das potencialidades naturais. Mas as fragilidades dos ambientes naturais continuam sendo ignoradas, seja por desconhecimento ou pela voracidade consumista e mercadológica do mundo atual.



Foto: Bordest, 2011.

Fig. 3. Obelisco do Centro Geodésico da América do Sul em Cuiabá

As novas interpretações do território permitem uma visualização da disputa entre os poderes públicos e os grupos organizados, sendo a expressão mais concreta as novas frentes mato-grossenses de ocupação, que se intensificaram a partir da década de 1970. Por um lado, propiciam aumento de riqueza por meio do agronegócio, de construções imobiliárias, da mobilidade urbana etc., porém, de outro, danificaram o ambiente rural e urbano, causando devastação da vegetação, aves, animais, além da desterritorialização de povos indígenas, seringueiros, ribeirinhos etc.

Potencialidade turística nos três grandes domínios de natureza em Mato Grosso

No domínio morfoclimático e fitogeográfico de natureza, conhecem-se diversos “ecossistemas”. Para falar dos *grandes domínios de natureza* buscou-se apoio em Ab’Saber (2003), que trata, com peculiar competência, os espaços herdados da natureza. Um olhar panorâmico sobre Mato Grosso permite observar, num mosaico paisagístico, a predominância de: floresta amazônica e transição para o cerrado, no norte do Estado; cerrado e campestre, no centro; e um complexo florístico na transição das áreas úmidas: do sul (Pantanal), do oeste (Guaporé) e do sudeste do Estado (Araguaia) (Fig. 4).

Mapa do Estado de Mato Grosso com Ecossistemas

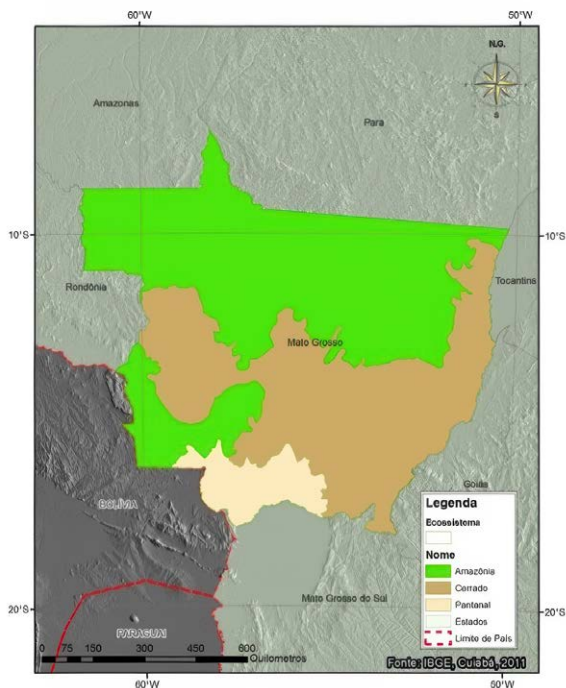


Fig. 4. Grandes Domínios de Natureza de Mato Grosso. Fonte IBGE. 2011.

Na perspectiva de uma aproximação entre potencialidade e território turístico, na panorâmica dos três grandes domínios de natureza de Mato Grosso: Amazônia, Cerrado e Pantanal se vê:

Território turístico de paisagem, povos e culturas da Amazônia Mato-grossense

Na porção norte do Estado, associados aos domínios florestais da Amazônia mato-grossense – onde ocorrem relevos em planaltos dissecados, chapadas e depressões interplanálticas – a potencialidade turística ainda não foi objeto de um projeto de gestão, de maneira sistemática. As exceções ficam

por conta de algumas localidades, envolvendo cidades e seus arredores. Tomadas como exemplo, algumas delas se ajustam na transição floresta/cerrado, como Tangará da Serra; e outras na floresta, como Juína, Juruena e Alta Floresta.

Nessas áreas consideram-se como atrativo para o desenvolvimento do turismo, além da exuberância das paisagens, os grupos sociais diversos, as comunidades tradicionais, as festas folclóricas e os povos indígenas, dentre outros.

Nos domínios da Amazônia Mato-Grossense há potencialidade para segmentação de mercado do turismo em: Turismo Paisagístico (cachoeiras, corredeiras nas encostas florestadas e amplos vales), Turismo de Aventura (pesca em rios de grande porte), Turismo de Negócios (artesanato, industrialização de madeira, minérios, fibras, sobrevoos em extensas plantações modernas de soja, milho, arroz), Ecoturismo e Étnico (vivência com autóctones: atividades extrativistas, cultivo e uso de plantas medicinais, visita a aldeias indígenas).

Conforme estudos de Migliacio (2001), *Sakuriuwinã ou Ponte de Pedra* é um lugar inserido no conjunto de formações naturais na Chapada dos Parecis, com fortes elementos associados à cosmologia dos Halíti, conhecidos hoje genericamente como os índios Paresi (Fig. 5). Portanto, uma paisagem é identificada enquanto área de grande valor cultural, pois é aí que estes indígenas localizam suas origens ancestrais. Segundo o mito, foi de um buraco de pedra que o criador Enorê (herói mitológico) fez surgir o primeiro casal. Deles, nasceram dois casais gêmeos. A este mito estão associadas narrativas de aspectos que caracterizam as diferenças entre o mundo dos índios e dos não índios. Também foi deste lugar que o herói fundador, Wazare, distribuiu os grupos Halíti pelas nascentes dos tributários dos rios Juruena, Arinos, Setopotuba e Guaporé. De acordo com os estudos antropológicos, é possível reconhecer que, territorialidade e consciência de origem mítica comum, são fundamentais no modo de ser Halíti, além de sua relevância para a memória nacional. Potencial para o turismo étnico e de interesse cultural e histórico, por fazer parte das antigas linhas telegráficas implantadas pelo Marechal Rondon.

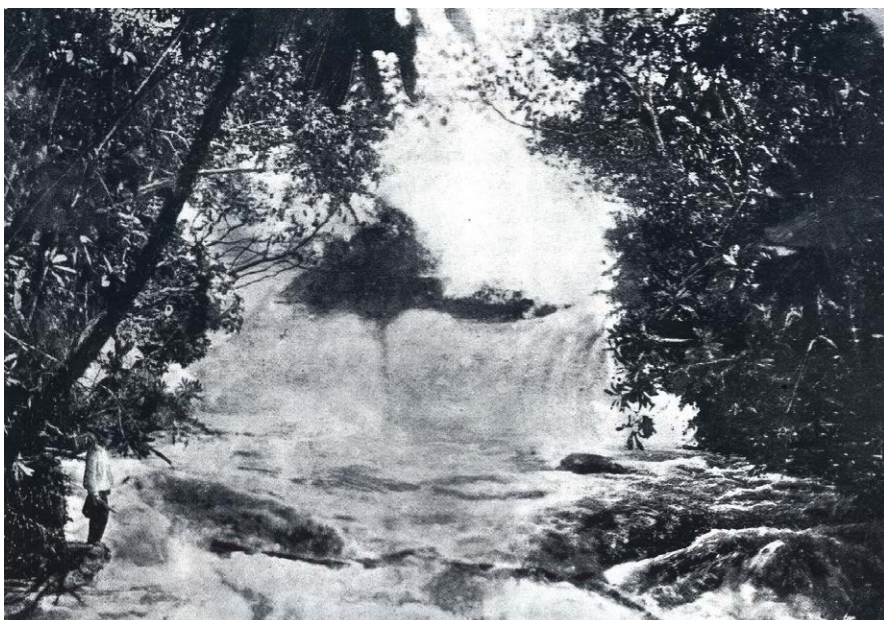


Fig. 5. Salto da Ponte de Pedra – Album Graphico do Estado de Matto-Grosso, p. 383.

Território turístico de paisagem, povos e cultura do Cerrado Mato-grossense

O centro-sul do Estado caracteriza-se pelo domínio dos Cerrados, que originariamente recobria áreas geomorfológicas de depressões, planaltos e serras envolvendo vegetação de campo cerrado, cerradões e matas de encosta.

A potencialidade turística nos domínios dos Cerrados mato-grossenses se evidencia com obras já realizadas com a preocupação de projetos de *gestão da atividade turística nos municípios*. Embora, muito se tenha a fazer, Cuiabá, capital do Estado, vem sendo preparada para acolher adequadamente seus visitantes. Dessa maneira, busca aprimoramento para o desempenho de um turismo de qualidade, receptivo e de lazer ou recreativo, remodelando ou construindo: centros de eventos, casas de artesanatos, parques urbanos, hotéis, bares e restaurantes. Reconhece a necessidade de ampliação do sistema de comunicação com mobilidade urbana ágil e moderna, novas avenidas

e corredores de acesso; viabilização da saúde, com hospitais com qualidade de atendimento, saneamento público, dentre outros. Exemplo disso são as condições dos municípios próximos à capital, como Município de Várzea Grande, que além de sediar o aeroporto internacional Marechal Rondon, se destaca por abrigar comunidades tradicionais de ribeirinhos, como Bonsucesso, Pai André, Praia Grande, que já oferecem serviços de gastronomia, peixaria, artesanato etc.

Estradas vicinais interligam a Grande Cuiabá a outros municípios turísticos

Subindo a serra, em direção ao município de Chapada dos Guimarães, o relevo de transição, com variação altimétrica e formações rochosas variadas, propiciam belas paisagens de *ruiniformes*, cavernas, cachoeiras, corredeiras que, por sua vez, despertam outros interesses voltados para cultura, práticas esotéricas, científicas e turísticas.

Resultante das águas represadas do rio Manso, a implantação da hidrelétrica homônima, o lago artificial de Manso, possibilita práticas esportivas (passeios de barco, *jet-ski*, canoagem) e pesca.

Rondonópolis, cidade em desenvolvimento em função do agronegócio, além das grandes plantações no planalto, sugerem o turismo de negócio, além de possibilitar a visita às riquezas dos fósseis que estimulam o turismo científico-etnográfico. O relevo calcário de Nobres contribui com modelado milenar que esculpiu as morfologias que abrigam nascentes de águas límpidas e cavernas, propiciando banho, mergulho e passeios ecológicos.

Na bacia do rio Paraguai, no sul do Estado, a serra das Araras, em Cáceres, exemplifica as abrangentes áreas do cerrado com forte potencialidade para o turismo esportivo e cultural.

Nessas paragens, a potencialidade turística tem como principais atrativos a diversidade paisagística, festas de santo que reúnem comunidades tradicionais de ribeirinhos dos vales de rios e planaltos do entorno.

Nos domínios dos Cerrados mato-grossenses se apresentam possibilidades para a segmentação do mercado do turístico em: Turismo Contemplativo (paredões relevo íngreme, “ruiniformes”, cavernas, aves e animais); Turismo Peri-urbano ou de Aldeia (peixarias de Bonsucesso, Pai André, Passagem da Conceição, Praia do Poço); Turismo Cultural (festas de santo, dan-



Foto: Bordest, 2010

Fig. 6. Festa de São Benedito em Cuiabá.

ças, artesanatos em cerâmica e madeira, tecelagem, pedras); Turismo Aventura (canoagem, *jet-ski*) e Turismo de Negócios (feiras e exposições).

A *Festa de São Benedito* é uma das celebrações mais antigas de Cuiabá, realizada pelos devotos desse santo, nas Igrejas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (Fig. 6). A festa inicia com a escolha dos festeiros, e segue com a peregrinação da imagem pelas ruas da cidade, formando o desfile conhecido como Bandeira de São Benedito. O levantamento do mastro marca o início da festa que, até as primeiras décadas do século XX, contava com a apresentação de touradas e congadas. Durante essa festa há o consumo de iguarias da alimentação tradicional cuiabana, como os bolos de arroz e de queijo - o popular “*tchá com bolo*”. A festa de São Benedito ocorre também por quase todas as áreas de ocupação mais antiga, como Livramento, Pocomé, em Vila Bela, Diamantino e outras cidades do Estado.

Territórios turísticos de paisagem, povos e cultura nas planícies e pantanais mato-grossenses

Na porção sudoeste de Mato Grosso, o vale do Guaporé apresenta potencialidade excepcional para o turismo, por seus aspectos hídricos, florísticos, faunísticos, históricos e culturais.

É uma porção de extensa área cenozóica com formação de belas praias ao longo dos rios, além de paisagens exuberantes que compõem as planícies fluviais atraindo turistas de diferentes regiões.

Na porção sul do Estado, o Pantanal é suscetível a inundações periódicas, com intensidade e duração variadas, sendo as enchentes cíclicas responsáveis pelas condições de vida na região. Conforme lembra Nogueira (1990): “A abundância da água favorece a presença da vida animal e vegetal”. Entretanto, o sistema ecológico pantaneiro não se completa apenas com o conjunto de uma avifauna e de uma flora variadíssima, pois para a autora “muito mais importante é o homem que nele vive tanto na condição de dono da terra, quanto na de vaqueiro, empreiteiro, garimpeiro, balseiro, pescador etc” (NOGUEIRA, 1990, p. 12).

Paisagens de extraordinárias belezas ressaltam a potencialidade da natureza em todas as estações do ano (cheias, vazantes, floradas), dos animais e peixes, da fartura de alimentos, das festas de santo e de tantas outras. Nos pantanais de Cáceres, Poconé e Barão de Melgaço, pratica-se o turismo esportivo da pesca, o turismo ecológico e o turismo cultural. Santo Antônio de Leverger abriga rica cultura tradicional nas comunidades ribeirinhas, com exemplares de engenhos de cana, fabricação de rapadura, doces e licores de frutas da terra, constituindo-se em município que se destaca pela riqueza hídrica, vegetal e faunística. Mimoso, terra de Cândido Mariano da Silva Rondon, possui um memorial (Memorial Rondon), ícone futuro de turismo cultural situado a meio caminho, entre Santo Antônio e Barão de Melgaço. Já, em Barão de Melgaço, o *Memorial da Guerra do Paraguai* foi construído para ser outro exemplar de atração para visitantes interessados nos fatos históricos e culturais. Festas de santos e/ou profanas, músicas e danças típicas de Poconé, festivais de pesca de Cáceres são outros atrativos que, direta ou indiretamente, têm apoio nos bens naturais regionais (BORDEST, 2008).

Assim, os atrativos turísticos pantaneiros estão na paisagem de cheia ou vazante, nas festas de santo e nas comunidades tradicionais de ribeirinhos e quilombolas.

Nos domínios de áreas úmidas das planícies e pantanais mato-grossenses verifica-se potencialidade para segmentação de mercado do turismo em: Ecoturismo (rios e baías, entorno de Parques), Turismo Cultural (cidades, comunidades tradicionais), Turismo Contemplativo (relevo, fauna e vegetação), Turismo no Espaço Rural (fazendas de gado de Poconé e Cáceres) e Turismo de Eventos (feiras, festa de santo, festivais).

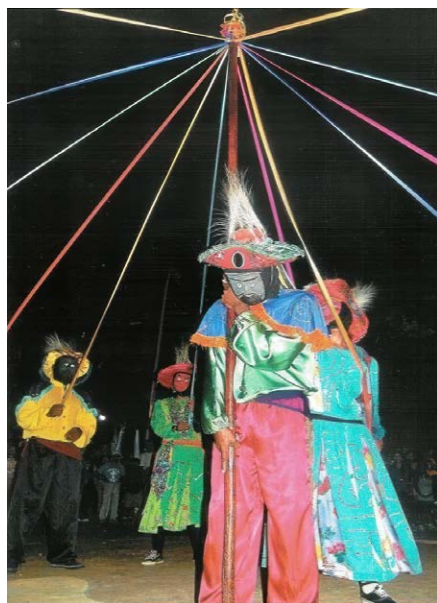


Foto: In Loureiro, 2006

Fig. 7.
Dança dos
Mascarados

A *dança dos Mascarados* (Fig. 7) é uma manifestação cultural que ocorre durante as festas de santo no município de Poconé, desde o século XVIII, apresentada atualmente também em eventos culturais. Somente homens participam dessa dança, mas parte deles se veste de mulher “damas”, e a outra parte de homens “galã”, utilizando máscaras e roupas de chita, floridas, numa performance com doze pares. Associada às festividades religiosas estão as Cavalhadas, também encenadas em Poconé, e os esportes de taquara, algo como grandes castiçais, ricamente iluminados com velas.

Considerações Finais

As inúmeras transformações que vêm ocorrendo em Mato Grosso, ao longo de sua trajetória histórica, marcadamente nas últimas décadas, propiciam novas formas de atividades turísticas mas, sem dúvida, é a cultura dos bens materiais e imateriais que melhor oportuniza o desenvolvimento de *territórios turísticos*.

Como lembra Menezes (2004, p. 24):

Material ou imaterial, as construções culturais são parte de um uníssono de experiências históricas, vivificadas de forma integrada, portanto, dinâmicas no tempo. Esse dinamismo é ao mesmo tempo diacrônico e sincrônico, e, assim, a construção de um modelo de interpretação do passado e a transformação desse modelo em atrativo turístico deve considerar e dignificar a vivência presente como parte de um todo cultural.

A partir de questões instigadoras sobre o território mato-grossense e a territorialização turística da diversidade de seus aspectos culturais, interroga-se, plagiando Stuart Hall: *O território é um espaço de identidade ou de identificação?* (Hall, 2003).

Como se sabe, o turismo é uma atividade que tanto pode causar efeitos positivos como negativos. Supondo-se que muitas mudanças acontecerão na controvertida territorialização turística, são os residentes em áreas receptoras de turistas que mais serão atingidos. No que se refere ao que pode acontecer com a chegada do turismo, Candiotto e Santos (2009, p. 328) comentam que “além do sentimento de perda, os residentes passam a questionar seus hábitos e sua cultura, buscando incorporar o jeito de ser, falar e vestir-se dos turistas, por acharem que os hábitos destes são melhores e mais modernos [...] passando a desejar objetos e a copiar hábitos e padrões de consumo dos turistas”. Contudo, ressaltam estes autores (p. 329), que embora de maneira mais tímida, “os turistas também podem ser influenciados por valores materiais e imateriais, ou seja, territorialidades da população receptora”. Sem dúvida, muitas outras considerações poderiam ser levantadas nesse sentido, pois contribuem para ressaltar a interferência do poder no processo de territorialização.

Entretanto, é na esteira desse pensamento que se vislumbra a importância de um profícuo trabalho de Educação Ambiental que envolva todos os setores do *trade turístico*, mas, de modo especial, entre os autóctones que, inseridos no contexto de mudança, possam participar intensamente de todas as fases do projeto, reconhecendo e valorizando a cultura secular de sua gente, como lembra Bordest (2002).

Referências

- BORDEST, S. M. L. *Panorâmica ambiental mato-grossense: Relevo e potencialidades turístico-culturais*. Cuiabá: EdUFMT, 2011. (CD ROM)
- BORDEST, S. M. L. Uma Abordagem Territorial no entorno de experiências Ambientais. In: *Seminário Regional de Extensão Científica do Centro-Oeste e IV Seminário Local de Programa Conexões de Saberes*. Mesa Redonda: Direitos Humanos e Educação Ambiental. III Serex – UFMT. 28/04/2010.
- BORDEST, S. M. L. *Potencialidade Turística de Mimoso e o olhar do autóctone*. Cuiabá: Gráfica Print, 2002.
- CANDIOTTO, L. Z. P.; SANTOS, R. A. Experiências geográficas em torno de uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. (Orgs.) São Paulo: Expressão Popular; Unesp. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009, p. 315-400.
- COSTA, M. F. *A história de um país inexistente*. Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 8. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A., SPOSITO, E. S. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. (Orgs.) São Paulo: Expressão Popular: Unesp. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009, p. 95-120.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MEDEIROS, R. V. Território espaço de identidade. In: SAQUET, M. A., SPOSITO, Eliseo Savério. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. (Orgs.) São Paulo: Expressão Popular: Unesp. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009, p. 217-227.
- MENESES, J. N. C. *História & Turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MIGLIACIO, M. C. *Sakuriuwina ou Ponte de Pedra*. Identificação de uma área de valor cultural Paresi em Mato Grosso. Revista *Territórios e Fronteiras*. v.2, n. 2, jul/dez, Programa de Pós-Graduação em História, UFMT, 2001. p. 125.
- NOGUEIRA, A. X. *O que é Pantanal?* São Paulo: Brasiliense, 1990.

QUAÍNI, M. As cidades invisíveis de Ítalo Calvino. Uma lição de Geografia. In: SAQUET, M. A., SPOSITO, E. S. (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular: Unesp. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, M. A., SPOSITO, E. S. (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular: Unesp. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

SAQUET, M. A. Entender a produção do espaço para compreender o território. In: Spósito, E. S. (Org.) *Produção do espaço e redefinições regionais: a construção de uma temática*. Presidente prudente? SP: FCT/Unesp/ Gaspé-RR, 2005.

SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, M. A., SPOSITO, E. S. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. (Orgs.). São Paulo: Expressão Popular: Unesp, 2009.